

O “ÁLBUM DOS BANDOZEIROS” DA REVOLUÇÃO DE 1923: FOTOGRAFIA, POLÍTICA E IDENTIDADE

Rodrigo Dal Forno¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas das considerações e reflexões acerca daquilo que venho desenvolvendo em minha pesquisa de dissertação de mestrado, trabalho em fase de desenvolvimento e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul². A proposta deste texto é de compreender através de que forma o “Álbum dos Bandoleiros – Revolução Sul Riograndense de 1923”, álbum fotográfico sobre a guerra civil de 1923, procurou construir uma noção de identidade e um sentimento de pertencimento e união entre os diversos e fragmentados setores das oposições político-partidárias do Rio Grande do Sul após o término daquele conflito político-militar e durante as articulações políticas de formação da “Aliança Libertadora” no ano de 1924. Através da análise deste álbum fotográfico objetiva-se refletir de que forma e por meio de que elementos visuais e textuais este produto político-visual contribuiu como um instrumento político de poder simbólico na tentativa de construção e consolidação de uma determinada memória e identidade em referência e a partir dos acontecimentos e personagens da chamada “Revolução de 1923”.

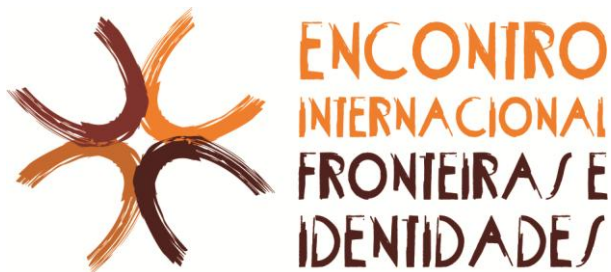
As oposições político-partidas e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul

Antes de adentrarmos propriamente na análise do “Álbum dos Bandoleiros” se faz necessário averiguar alguns aspectos do contexto histórico em torno das eleições para presidente do Rio Grande do Sul em 1922 e que culminou com o movimento armado de 1923. Estes episódios são fundamentais para a compreensão da composição e publicação deste álbum fotográfico, assim como dos grupos político-partidários e da situação política estadual no início da década de 1920.

O movimento político-militar de 1923, também chamado como “Revolução Libertadora” ou “Revolução Assisista” ocorreu no Rio Grande do Sul após as eleições para presidente do estado em 1922. O pleito eleitoral opôs de um lado Borges de Medeiros representando o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e de outro Joaquim Francisco de Assis Brasil, candidato por um frente única de coalização formada por três setores

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAPES). rodrigodalverno@hotmail.com

² A pesquisa versa sobre uma análise de política e imagem acerca do “Álbum dos Bandoleiros” e da formação e articulação das oposições político-partidárias regionais durante o início da década de 1920 no Rio Grande do Sul.



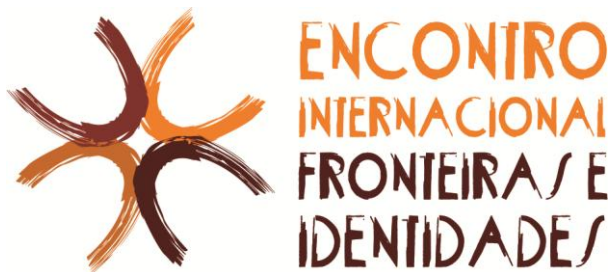
oposicionistas: os vinculados ao Partido Federalista (PF) liderados por Maciel Jr, Raul Pilla, Moraes Fernandes e outros; os chamados “democratas republicanos” liderados por Assis Brasil e Fernando Abbott e também diversos outros dissidentes republicanos, como os Pinheiro Machado e os Menna Barreto (FÉLIX, 1987, p. 138).

As eleições de 1922 ocorreram de forma extremamente tumultuada por conflitos e acusações de fraude eleitoral por parte de ambos os lados, mas principalmente, com contundentes reivindicações advindas dos oposicionistas. Em janeiro de 1923 o anúncio oficial das eleições consagrou Borges de Medeiros como vencedor e presidente legalmente eleito. As oposições alegando que o resultado havia sido fraudado, optaram por iniciar uma guerra civil com o intuito de convulsionar o estado e chamar a atenção do Presidente Arthur Bernardes para que o poder federal intervisse na política gaúcha e depusesse Borges de Medeiros da comandância estadual³. A revolta armada ocorreu através da atuação de lideranças militares de destaque em suas respectivas regiões: Honório Lemes na fronteira oeste, Zeca Neto e Estácio Azambuja no centro-sul e Felipe Portinho, Menna Barreto e Leonel Rocha no norte e nordeste. O conflito armado se encerrou no mês de dezembro através da intervenção do Presidente Arthur Bernardes que enviou ao estado o Ministro de Guerra Setembrino de Carvalho para mediar um acordo de paz que e colasse um fim na guerra civil.⁴

Um dos aspectos emblemáticos ocorridos ao longo dos episódios da guerra foi que o jornal “A Federação” de Porto Alegre, órgão de imprensa oficial do estado e do PRR, diariamente noticiou os episódios da guerra civil e buscou deslegitimar e desqualificar a atuação de seus adversários políticos construindo uma imagem negativa sobre os opositores através da criminalização do movimento, rotulado como uma prática criminosa de “banditismo” esvaziada de qualquer conotação e sentido político. Além disto, o jornal situacionista investiu na “depreciação” dos revolucionários através do uso de adjetivos

³ A crença oposicionista na intervenção federal devia-se, principalmente, ao fato de que durante as eleições para presidente nacional em 1922, Borges de Medeiros apoiou a chapa de Nilo Peçanha contra Arthur Bernardes, na ocasião da chamada campanha da “Reação Republicana”. Bernardes acabou como vencedor daquele pleito nacional e a relação entre Borges e o poder federal fragilizada (LOVE, 1971, p.216-7).

⁴ O pacto assinado em dezembro no município de Bagé ficou conhecido como Pacto de Pedras Altas e em linhas gerais, vedava a reeleição para presidente do estado e para intendentes municipais e previa eleições diretas para vice-presidente, com isto atacando diretamente o preceito de continuidade administrativa tão caro aos republicanos. O acordo também previa a adequação das eleições municipais e estaduais a legislação federal, garantia a representação das minorias na Assembleia e no Congresso e concedia anistia aos revolucionários (ANTONACCI, 1981, p. 110; LOVE, 1971, p.223).



pejorativos, principalmente como o de “bandidos” ou “bandoleiros”. O epíteto de “bandoleiro” curiosamente acabou sendo apropriado pelos próprios difamados”, adquirindo um novo significado e se transformando em uma alcunha positiva, de mérito e orgulho para os opositoristas. Esta concepção foi defendida e difundida através da publicação de um álbum fotográfico em homenagem aos personagens e acontecimentos de 1923.

O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923

Diante das acusações dos adversários, logo após o termino da revolta no início de 1924, surgiu a principal resposta⁵ dos opositoristas, através da publicação do “Álbum dos Bandoleiros: Revolução Sul Rio-Grandense 1923”. A publicação foi um álbum fotográfico impresso e ilustrado com fotogravuras⁶ e textos sobre diversos aspectos e personagens do conflito armado de 1923. O álbum foi editado e publicado em uma 1ª edição no mês de janeiro de 1924 e em uma reedição aumentada, curiosamente chamada de 8ª versão, lançada em abril do mesmo ano⁷. Esta última edição, mais completa e extensa, foi composta por 337 imagens fotográficas, além de diversos textos, cartas, mapas, etc. A autoria da publicação foi assinada por Fernando Barreto e Carlos Horácio Araújo, respectivamente, proprietário e diretor da revista ilustrada Kodak⁸ de Porto Alegre. O intuito principal da publicação era de responder as críticas realizadas pelos adeptos do PRR e destacar o protagonismo dos opositores durante o conflito armado e com isto perpetuar uma determinada memória histórica dos episódios que relegasse honra para os “bandoleiros”. As fotografias publicadas no documento retratam homens e mulheres, jovens e adultos, e foram produzidas em estúdios ou

⁵ Cabe ressaltar que os opositoristas gaúchos durante o ano de 1923 já investiam na defesa das acusações e em ataques contra os adversários, principalmente através dos jornais partidários e simpáticos ao movimento. Um exemplo sobre participação na imprensa partidária no conflito pode ser encontrado no estudo de Cláudio Lemieszek. Ver: LEMIESZEK, 2013.

⁶ A fotogravura é um processo de impressão gráfica de imagens que parte do negativo original fotográfico para reproduzir fotografias sobre uma placa de zinco ou cobre através do uso de produtos químicos. Através deste procedimento se obtém uma retícula que permite a publicação de imagens com meios tons. A sua matriz era chamada na imprensa de clichê (BOND apud TRUSZ, 2013, p.10).

⁷ São conhecidas duas edições da publicação. Uma primeira, lançada em janeiro e outra ampliada e publicada em uma chamada “oitava edição” no mês de abril. A 1ª edição encontra-se disponível para a pesquisa no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Porto Alegre/RS) que no ano de 2013 disponibilizou documento em formato de CD-ROM. A 8ª edição pode ser encontrada no acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS).

⁸ Semanário ilustrado e impresso que circulou em Porto Alegre/RS entre os anos de 1912 e 1920. Em 1923 retornou a circulação com uma nova direção editorial que publicou o álbum fotográfico. Sobre a Kodak, ver: TRUSZ, A.D. A publicidade nas revistas ilustradas: o informativo cotidiano da modernidade. Porto Alegre: UFRGS, 2002. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

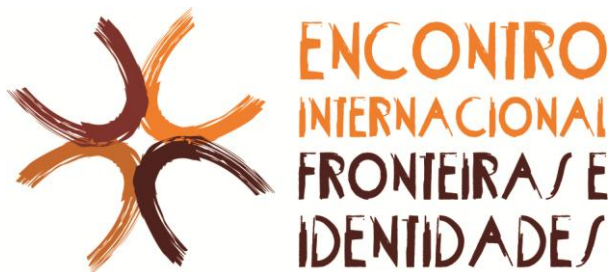


outros espaços fechados, além do ar livre, registrando manobras militares, acampamentos, sobretudo em regiões rurais (TRUSZ, 2013, p.12). As temáticas retratadas na publicação são bastante diversificadas, com destaque para os retratos das principais lideranças militares da guerra civil e suas tropas, como Zeca Netto, Honório Lemes, Felipe Portinho, os retratos de políticos de destaque na causa oposicionista, como Assis Brasil, , Moraes Fernandes, Plínio Casado, entre outros e também imagens de acontecimentos e localidades em que se desenrolou a revolta, como os registros da tomada de Pelotas por Zeca Netto em outubro de 1923, a cobertura fotográfica das viagens do Ministro de Guerra Setembrino de Carvalho pelo estado em novembro, etc.

O aspecto principal a ser explorado neste breve ensaio é de que o “Álbum dos Bandoleiros” pode ser percebido como um instrumento político das oposições político-partidárias, principalmente levando em conta que o discurso transmitido pela publicação buscou contribuir na construção⁹ de um sentimento de adesão e mobilização, essencialmente através do estabelecimento de uma determinada memória acerca dos personagens e acontecimentos de 1923 e do reforço de uma identidade coesa em torno de quem “realmente eram” aqueles “difamados bandoleiros” e da importância de sua união política. Tendo em vista que, conforme defende Michel Pollak, pode-se afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo (POLLAK, 1992, p. 205).

Para analisar esta problemática é necessário levar em consideração que durante a conjuntura de 1922/1923, os setores da oposição se coligaram em um movimento sem contudo consolidarem seus laços num partido ou agremiação partidária formalizada e efetiva. Isto apenas viria a acontecer com a fundação da Aliança Libertadora em 1924 que posteriormente se converteu no Partido Libertador em 1928. Os vínculos que uniam as oposições naquele momento eram explicitamente frágeis, aspecto que levou o próprio Assis Brasil a temer uma possível dispersão das oposições e uma impossibilidade de consolidar as

⁹ Cabe destacar que o intuito de unir o grupo oposicionista objetivado pelo “Álbum dos Bandoleiros” se somava a outros esforços operados pelo grupo naquele momento, como por exemplo, através de discursos de suas lideranças, do estabelecimento de alianças políticas, dos enfáticos editoriais de jornais partidários, dos encontros e congressos realizados pela Aliança Libertadora em diversos municípios, etc.

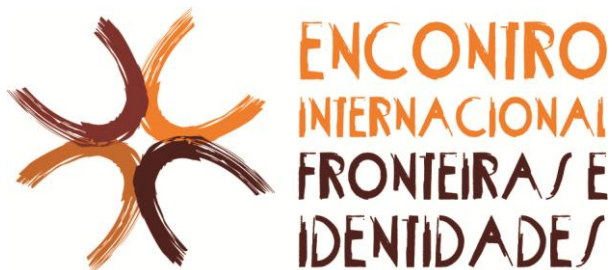


coligações em um novo partido efetivo após os episódios eleitorais de 1922 e militares de 1923. Conforme o próprio Assis Brasil declarou em um momento posterior

Na situação de pouca solidez dos laços que uniam os Libertadores, **mais atraídos entre si pelo sentimento de hostilidade contra o adversário comum do que por vínculos positivos e bem definidos** [...]. Preferia um compasso de espera, que nos permitisse a lenta sedimentação das afinidades profundas que nos aproximavam, a organização, enfim, de um partido cujo programa seria estulto tentar improvisar. (ASSIS BRASIL apud ANTONACCI, p.86, 1981) (Grifo nosso)

A partir disto pode-se refletir se o “Álbum dos Bandoleiros” não desempenhou uma contribuição e participação significativa em tentativa de convencimento e sedimentação dos vínculos entre os oposicionistas e na construção de um sentimento de afinidade mais profundo para além de um inimigo em comum e de uma conjunta específica. A primeira ilustração reproduzida na abertura do álbum apresenta de maneira enfática este intuito: “Bandoleiros! Uni-vos para salvar, nas urnas, o Rio Grande do Sul!” (ALBUM DOS BANDOLEIROS, 1924, 8ªed., p.1). Através da abertura visual da publicação percebe-se a ênfase e defesa da ideia de união e solidificação dos vínculos entre os oposicionistas, na procura por reforçar as alianças e formar partido político formalizado, unificado e mobilizado frente aos novos confrontos eleitorais contra o situacionismo do PRR. Tratava-se de consolidar o projeto de unificação iniciado em 1922-1923 e através das urnas alcançar os resultados da luta começada através das armas. Neste sentido, os opositores deveriam empenhar-se no processo de formação da “Aliança Libertadora” e nas mobilizações para as eleições para deputado federal e senador que viriam a ocorrer em maio de 1924 e que representavam uma nova oportunidade de embate frente aos adversários do PRR.

Estes aspectos também podem ser percebidos através da análise de algumas imagens fotográficas veiculadas pelo álbum e que são significativas para a compreensão desta problemática. A primeira delas, reproduzida abaixo, trata-se de uma reunião e um banquete, oferecido pela liderança político-partidária Fernando Abbot para o comandante militar Honório Lemes na residência da família Abbot no município de São Gabriel. A imagem procurou veicular um sentimento de confraternização e celebração entre os dois importantes líderes de diferentes setores oposicionistas estaduais. Fernando Abbot foi um propagandista da república, bastante próximo de Júlio de Castilhos e vinculado ao PRR desde o fim do império, tendo inclusive participado do lado legalista na guerra civil de 1893, e



posteriormente vindo a se desentender com Borges de Medeiros e romper com o partido em 1907, aproximando-se então, de Assis Brasil, também dissidente do PRR, e incrementando as fileiras oposicionistas através da participação com os chamados “democratas republicanos”. Por sua vez, Honório Lemes era uma liderança federalista reconhecida na região do município de Rosário do Sul, sendo membro do Partido Federalista de longa data e lutado ao lado deste durante o conflito armado de 1893. Ou seja, tratavam-se de inimigos de outrora que defendiam e representavam uma mesma causa política e um mesmo movimento militar.

Para o intuito e a concepção defendida e explorado pelo “Álbum dos Bandoleiros” pouco importavam as divergências e contradições no interior do grupo, apenas que todos eles haviam defendido unitariamente uma mesma causa ao participarem juntos do movimento de 1923 e desta forma eram todos “bandoleiros” lutando em prol de um mesmo objetivo político.

Fotografia 1. Uma confraternização entre Fernando Abbot e Honório Lemes.



Banquete oferecido ao General Honório Lemes pelo Dr. Fernando Abbott, um dos velhos paladinos da democracia, em sua residência em S. Gabriel.


Fonte: ÁLBUM DOS BANDOLEIROS, 1924, 8ªed., p.13.

Através da construção de memória e identidade que o álbum procurou estabelecer, ocultavam-se estas e outras contradições, diferenças e conflitos e exaltavam-se os aspectos positivos e de méritos que aproximavam os membros do grupo. Neste sentido, o álbum



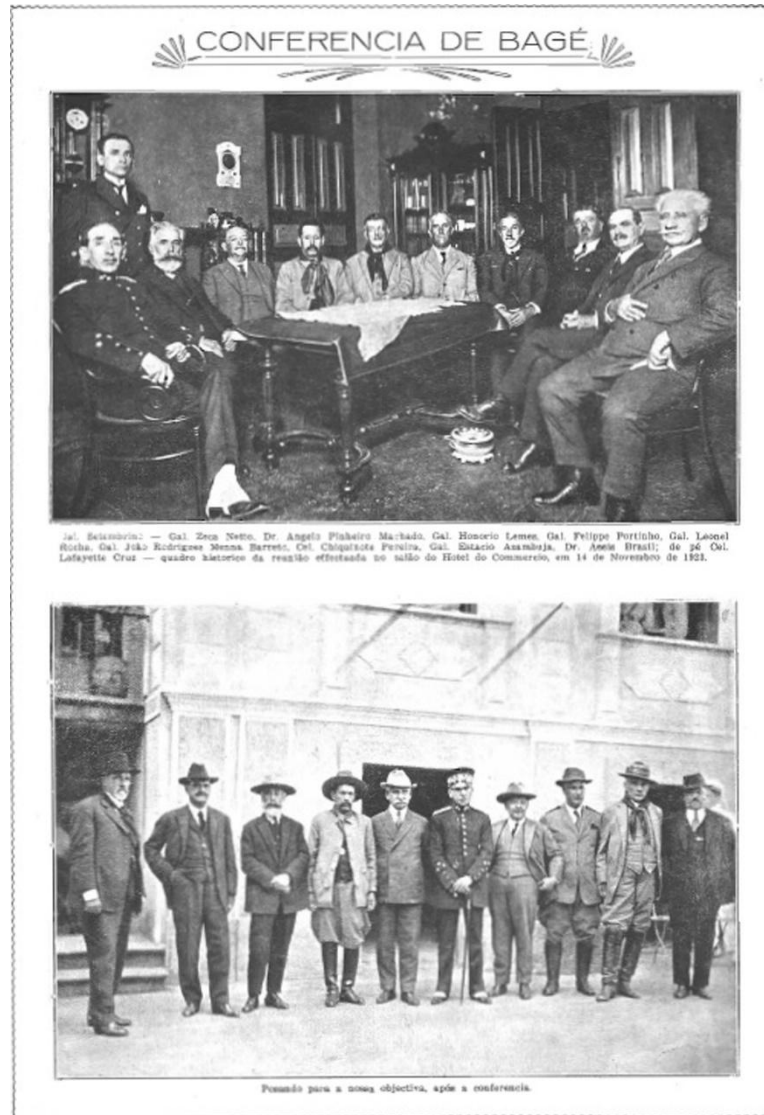
fotográfico privilegiava determinados elementos a serem visualizados e excluía aqueles que deveriam permanecer na invisibilidade, jogando com operações de memória e esquecimento (POSSAMAI, 2005, p.13).

Os registros fotográficos durante a ocasião das reuniões entre todos os chefes libertadores para tratar dos termos da pacificação do estado em novembro de 1923 também corroboram nesta direção. As fotografias reproduzidas abaixo são extremamente emblemáticas devido ao fato de representarem uns dos escassos registros visuais de reunião entre todos os principais chefes do movimento armado em uma mesma ocasião. Nas fotografias estão os chamados “Generais do Exército Libertador”: Honório Lemes, Zeca Netto, Leonel Rocha, Felipe Portinho, Estácio Azambuja e Menna Barreto, além do Coronel Chiquinote Pereira e do Ministro de Guerra Setembrino de Carvalho e o próprio Assis Brasil. As imagens apresentam ao leitor visual do álbum fotográfico aqueles que seriam os principais comandantes do movimento, os ditos chefes mais proeminentes da revolta e também apontam para uma representação e transmissão da ideia de união e coesão entre todas estas lideranças.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Fotografia 2. As lideranças da revolta no Congresso de Bagé.



Fonte: *ÁLBUM DOS BANDOLEIROS*, 1924, 8ªed., p.80

Nas duas fotografias acima encontram-se os principais líderes do movimento armado reunidos para debater e solucionar o problema da guerra civil no estado, discutindo acerca do término da revolução, das melhores condições para a paz e das exigências políticas adequadas para o armistício. Cabe destacar que esta reunião também significou um momento crucial durante aquele contexto, pois foi durante este episódio que os comandantes militares chegaram ao consenso de delegar a Assis Brasil, enquanto chefe político do movimento, o



poder de dialogar e decidir os termos e condições para a paz perante o Ministro de Guerra e o governo federal (NETTO, 1983, p.107). Através das fotografias enfatizava-se o reconhecimento do governo federal para com as causas e os protestos oposicionistas no estado, justamente por isto, Setembrino de Carvalho vinha ao encontro dos revolucionários para dialogar e tratar da paz. O reconhecimento do governo federal acerca da existência e importância daquele grupo apresentava-se como um fator de legitimidade para a atuação dos oposicionistas no âmbito regional, assim como uma contraposição em relação aos seus adversários, tendo em vista que era diante dos opositores e em um tom amistoso e confraterno que o Ministro de Guerra se reunia para dialogar sobre o momento político estadual. Enquanto que, segundo o álbum fotográfico, Borges de Medeiros e o PRR seriam o elemento ausente e excluído daquele processo decisório. Conforme salienta Alice Trusz, o conjunto de registros sobre os episódios da pacificação e as reuniões com o Ministro de Guerra reunidos no “Álbum dos Bandoleiros” também expressam um sentimento de vitória e de orgulho, de uma alegria pelas conquistas obtidas com o pacto da paz e de esperança nas mudanças e no futuro, além da satisfação em ter chamado a atenção de todo o país para o problema político do Rio Grande do Sul (TRUSZ, 2013, p. 22).

Por fim gostaria de destacar uma imagem fotográfica que retratou o congresso de formação da Aliança Libertadora nos primeiros meses de 1924. Tratava-se de um contexto decisivo que exigia esforços contundentes na busca pela sedimentação dos vínculos e mobilização das alianças entre os oposicionistas. A fotografia representa o encontro que criou oficialmente a agremiação político-partidária no estado, segundo o “Álbum dos Bandoleiros”, instituída durante “o memorável congresso político de São Gabriel em 12 de janeiro de 1924”. A imagem aponta para uma questão específica e de enorme apelo simbólico no reforço da ideia de coesão e unificação: a multidão e a força coletiva do grupo.



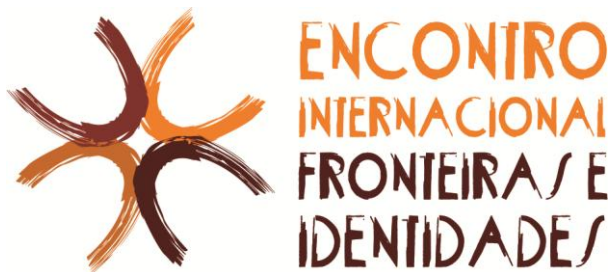
ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

Fotografia 3. Congresso da Aliança Libertadora



Fonte: ÁLBUM DOS BANDOLEIROS, 1924, 8ªed, p.88.

A fotografia demonstra o contingente numeroso de partidários e apoiadores das hostes oposicionistas, reunidos e unidos com um único objetivo e representando um só partido. A multidão na cena fotografada servia como um elemento de testemunho acerca do poderio coletivo da agremiação. Através do conteúdo visual do álbum tratava-se de reforçar que os oposicionistas representavam uma massa de seguidores ativos e mobilizados frente ao partido hegemônico no estado e que os enfrentamentos políticos prosseguiriam através da mobilização partidária e eleitoral. Conforme acertadamente percebeu Maria Helena Capelato ao analisar as representações visuais das multidões nos regimes políticos de Getúlio Vargas no Brasil e Juan Perón na Argentina, as representações das multidões e da coletividade possuem um valor simbólico muito claro: elas representam a união aplicada e organizada, sendo que através da construção do mito da unidade opera-se o convencimento e mascara-se as divisões e os conflitos internos (CAPELATO, 2009, p.66-67).



Considerações Finais

A partir das considerações apontadas neste pequeno ensaio, pode-se considerar que o “Álbum dos Bandoleiros” buscou se colocar como um instrumento de poder simbólico na construção do grupo e de sua identidade e unidade, respondendo às críticas dos adversários e definindo elementos que aproximassem e construíssem um sentimento de união entre todos os adeptos opositoristas, operando aquilo que Pierre Bourdieu compreende como sendo parte de uma luta de classificações ou representações, uma

luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem no conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 2012, p. 113).

A ação simbólica operacionalizada pelo “Álbum dos Bandoleiros” adquiria contornos ainda mais contundentes devido ao poder emanado pelas fotografias, tendo em vista que as imagens fotográficas, durante aquele contexto histórico, eram consideradas como “expressões de verdades” devido ao caráter objetivo e fidedigno daquilo que era apreendido e congelado nas imagens fotográficas, com isto gerando um “status de credibilidade” quase que inquestionável e irrefutável para os registros fotográficos (KOSSOY, 2012, p.29). Assim como, na medida em que as imagens fotográficas eram capazes de agenciar uma ação simbólica que representa uma estratégia política de convencimento bastante eficaz, ela também cria opiniões e molda comportamentos (MAUAD, 2008, p. 282-292).

Portanto, pode-se concluir que o “Álbum dos Bandoleiros”, através de suas imagens e textos, buscou construir um sentimento de identidade no interior das oposições político-partidárias rio-grandenses, ainda que diante das divergências e conflitos internos que separavam os próprios opositoristas. Esta tentativa de construção ocorreu através de alguns aspectos principais: primeiro, respondendo as críticas dos adversários, se diferenciando e se sobrepondo em relação à eles, em uma evidente definição de “nós” e “eles” na política e sociedade gaúcha naquele momento histórico; segundo, olhando para os episódios do passado recente de 1923 com orgulho e mérito, construindo, elegendo e veiculando determinados “heróis” e fatos que deveriam ser homenageados e servirem como pontos de referência na memória coletiva do grupo. Neste sentido, omitia-se as principais divisões internas e



transmitia-se uma mensagem de união coletiva e igualdade política entre os diferentes setores e líderes da oposição para que os “bandoleiros”, através da consolidação de sua união e mobilização, “salvassem nas urnas o Rio Grande do Sul”.

Referências Bibliográficas

ANTONACCI, Maria Antonieta. RS: As oposições & a Revolução de 1923. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FÉLIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LOVE, Joseph. O regionalismo gaúcho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAUAD, Ana Maria. O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *belle époque*. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

NETTO, Zeca. Memórias do General. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p.200-212.

POSSAMAI, Zita. Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos de Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

TRUSZ, Alice. Álbum dos bandoleiros: um documento-monumento da Revolução de 1923. In: Álbum dos Bandoleiros (1923) - Edição digital (2013), Porto Alegre: Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, 2013

Fontes Históricas

Álbum dos Bandoleiros – Revolução Sul Rio-Grandense – 1923. 8ª ed. Porto Alegre: Kodak/Barreto, 1924.)